

GLOBALIZAÇÃO: UMA NOVA FASE DO CAPITALISMO?

JORGE MIGLIOLI*

Parece que o significado mais usual de "globalização" é o de uma crescente integração entre os países de todo o mundo ou pelo menos da maior parte.

Esta noção pode ser usada ideologicamente quando projeta a idéia de que esse processo ocorre espontaneamente entre os países envolvidos, como se todos eles se situassem em pé de igualdade e participassem voluntariamente da integração.

Mas existe, sem dúvida, um processo de globalização que compreende diversos aspectos: do econômico ao cultural. Não apenas o capital - tanto o monetário quanto produtivo - se desloca cada vez mais rapidamente de uns países para outros, mas também a força de trabalho se encontra em permanente mobilidade. As pessoas adquirem as mesmas marcas de produtos em diferentes países, num processo mundial crescente de consumo padronizado. Os sistemas político e jurídico se tornam formalmente cada vez mais semelhantes em todas as partes. Os padrões éticos e culturais se uniformizam em escala mundial e assim por diante. E tudo isto sob uma gigantesca onda de liberalismo econômico e conservadorismo político.

Um exame do mundo atual parece indicar que o processo de globalização corresponde a uma nova fase do desenvolvimento histórico do sistema capitalista. Pode-se dizer que a tendência à globalização é um resultado natural desse desenvolvimento, na medida em que o capitalismo se implantou por todo o mundo a partir do século XIX.

A existência da URSS e de seus países "satélites" constituiu um obstáculo ao processo, não apenas porque deixava de fora uma parte considerável do mundo, mas também porque era vista por outros países como uma solução alternativa. O colapso da URSS e de seus "satélites" empurrou para a frente o processo, ao abrir-lhe um vasto território a ser ocupado e também - talvez este seja um aspecto mais importante - ao fornecer-lhe o poderoso argumento de que não há "solução alternativa" ao

* Professor de Sociologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Araraquara.

capitalismo. Assim, nos dias de hoje, poucos são os países que resistem.

A etapa atual da história do capitalismo lembra sua fase inicial. Em suas origens, na Europa da Idade Média, o capitalismo, ainda em sua forma mercantil, enfrentou fortes restrições feudais: a diversidade dos tributos, moedas, leis e regras nos vários domínios senhoriais, as rígidas regras das corporações de ofícios, os códigos morais e religiosos impostos pela Igreja romana etc. A burguesia de então, ainda mercantil mas uma classe ascendente e cada vez mais rica e poderosa, apoiou firmemente a formação das monarquias absolutistas e dos Estados nacionais, com o que obteve a eliminação de muitos entraves feudais e conquistou novas posições de poder. Esta fase foi também de formação e consolidação dos mercados nacionais e das burguesias nacionais.

Na etapa atual, da "globalização", são os Estados nacionais que criam os obstáculos à expansão do capitalismo, agora em escala mundial. Muitos são obstáculos semelhantes àqueles da Idade Média: diversidade de tributos, moedas, leis e regras, assim como protecionismo aos mercados internos, restrições à ação das empresas privadas e a mobilidade do capital etc. Assim, para a grande burguesia internacional, os Estados nacionais se tomam economicamente incômodos. Mas, pelo menos por enquanto, eles precisam ser mantidos como organismos administrativos e repressivos regionalizados e para dar apoio político e militar necessário para a preservação da ordem capitalista internacional (mas mesmo nesta última função eles também já começam a ser substituídos por entidades multinacionais, como a OTAN, por exemplo).

Embora os Estados nacionais ainda não possam ser abolidos, suas funções econômicas passam a ser reguladas e controladas externamente, seja pela formação de um consenso doutrinário mundial (no caso, o liberalismo econômico), seja por organismos específicos (Organização Internacional do Comércio - que substituiu o GATI -, Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial etc.), ou seja também pela pressão da burguesia internacional através de diferentes organismos.

O funcionamento da economia é padronizado para todos os países: a moeda e a taxa de câmbio precisam ser estabilizadas, as empresas públicas devem ser privatizadas, as empresas estrangeiras devem ter igualdade de condições com as nacionais, as medidas protecionistas no comércio exterior têm de ser eliminadas, no geral as regras do liberalismo econômico precisam ser obedecidas. O exemplo mais avançado desta tendência à padronização é o da União Européia; mas também os países da América Latina, mesmo quando não integram "blocos econômicos", são exemplos marcantes. A padronização mundial das regras do jogo capitalista é uma exigência da burguesia internacional: os investidores precisam estar

conscientes e seguros das regras vigentes nos países onde investem.

Assim como acontece com os mercados nacionais e os Estados nacionais, também as diversas burguesias tendem a unificar-se. E isto em dois sentidos. Primeiro, a burguesia perde seu caráter setorial: ela deixa de ser industrial ou comercial ou bancária etc. para converter-se em burguesia "global", cuja característica principal é o fato de ela manter seu capital sob a forma financeira e investido em múltiplas atividades. Segundo, a burguesia também aplica (especialmente através do mercado de títulos) seu capital em diferentes países e assim se internacionaliza. Isto não quer dizer que as empresas se unificam e a concorrência entre elas se reduza na medida em que a burguesia se globaliza e internacionaliza.

Para concluir, é preciso acrescentar (embora temerariamente) que a tendência capitalista à globalização *supera* (no sentido do verso alemão *aufheben*, que significa ao mesmo tempo *abolir*, *preservar* e *eleva*r) o conhecido imperialismo. O mundo continua dividido em países dominantes e dominados. Mas cada país dominado já não está ligado especificamente a um país dominante; embora isto ainda exista em parte, a tendência é no sentido da internacionalização da dominação: o domínio é exercido pela burguesia internacional como um todo, e não mais por esta ou aquela burguesia nacional. Em segundo lugar, em suas relações com os países dominados as burguesias dos países dominantes já não estão apenas interessadas em extrair daí excedentes e transferi-los para as suas metrópoles; isto é coisa da fase de acumulação primitiva do capital. Trata-se agora de anexar os países dominados como se fossem extensões territoriais dos dominantes, mesmo que os primeiros continuem mantendo seus próprios nomes, hinos, bandeiras, línguas ou dialetos e seus prepostos locais. Neste processo, a ambição das burguesias dos países dominados é passar a fazer parte da grande burguesia internacional, se tiverem competência e capital para isso.